

NORDESTE

# Índios reagem a invasão com ameaça de blecaute

São Paulo — Os índios pancararus de Petrolândia, Pernambuco, ameaçam deixar seis estados do Nordeste sem energia elétrica caso 483 famílias de posseiros não sejam retiradas de sua área nos próximos 60 dias. Os pancararus planejam derrubar torres de transmissão da usina de Paulo Afonso, que atravessam a aldeia Brejo dos Padres, entre Petrolândia e Tacaratu. Hoje faz dez anos que a demarcação das terras indígenas foi homologada pelo presidente José Sarney e nenhum posseiro deixou a área.

A situação jurídica das terras é clara e definitiva. Os pancararus têm direito aos 8.337 hectares de terras que habitam desde a colonização. Em 1879, dom Pedro II doou 14.294 hectares ao grupo, mas o antigo Serviço de Proteção ao Índio (SPI) reduziu a demarcação para 8.337 hectares em 1937.

Nessa época, a tensão entre pancararus e posseiros já era relatada. A situação piorou nos anos 70,

quando uma leva de brancos que perdeu terras durante a construção da hidrelétrica de Itaparica, próxima a Tacaratu, fixou-se na área da aldeia.

Há uma década, a Fundação Nacional do Índio (Funai) ficou obrigada a indenizar as benfeitorias dos posseiros e retirá-los da reserva. O Incra não definiu, entretanto, para onde transferir os trabalhadores rurais.

Os pancararus pretendem “agir de surpresa”, segundo Barros. Os quase 5 mil índios que moram na aldeia receberão reforços dos que moram em São Paulo. O vai-e-vem acentuou-se nos últimos meses realçando os problemas sociais registrados desde a década de 50, quando começou a migração dos pancararus para a capital paulista.

## OMISSÃO

A falta de assistência aos mais de 900 índios pancararus que residem na favela Real Parque, no Mo-

rumbi, em São Paulo, é reconhecida até mesmo pela Fundação Nacional do Índio (Funai). Eles não recebem as cestas básicas que o órgão costuma enviar aos que residem na reservas e enfrentam problemas de transporte de doentes. A explicação para a recusa em fornecer os alimentos é discutível: seria discriminatório entregar as cestas apenas aos índios e não aos demais moradores da favela.

Apontar a responsabilidade da Funai pela assistência aos índios em São Paulo é outra dificuldade. A regional do Recife informa aos índios que a verba para atendê-los fica em Bauru. O escritório da Funai no interior paulista argumenta que a etnia procede de Pernambuco e, portanto, deve ser atendida pela unidade do Recife. “Não está claro para a Funai como assistir índios que migraram das aldeias”, disse o diretor de assistência da Funai, em Brasília, Ronaldo Lima de Oliveira.